

**REPERTÓRIO DE INCÊNDIOS:  
VARIAÇÕES SOBRE A POESIA RECENTE DE FABIANO CALIXTO**

***REPERTORY OF FIRES:  
NOTES ON FABIANO CALIXTO'S RECENT POETRY***

**Gustavo Silveira Ribeiro**

**Universidade Federal da Bahia**

**RESUMO:** O artigo propõe uma leitura do mais recente livro do poeta Fabiano Calixto, *Nominata Morfina*, com ênfase na articulação que nele tem lugar entre violência e revolta, matrizes fundamentais da experiência estética elaborada pelo autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência; Revolta; Poesia Brasileira Contemporânea.

**ABSTRACT:** *The article approaches Fabiano Calixto's most recent book, Nominata Morfina, emphasizing the articulation that takes place on this work between violence and revolt, two basic fundamentals of esthetical experience according to the author's elaboration.*

**KEYWORDS:** *Violence; Revolt; Contemporary Brazilian Poetry*

Para  
Carolina Anglada,  
Yasmine Spínola

***1. Nominata Morfina, estilhaços de sua melodia***

1

*Nominata Morfina* (Corsário-Satã/Pitomba, 2014), o mais recente livro do poeta e tradutor pernambucano Fabiano Calixto, é um livro povoado por múltiplos sons: gritos de dor, balbucios eróticos, doces canções de amor – ditas melancolicamente à amante nua, na cama, no instante em que o tempo se congela – acordes dissonantes de *heavy metal*. A estranha e selvagem música que dele emana é resultado da trama e das texturas sonoras experimentadas pelo poeta. A referência aos *Beatles* numa das epígrafes e em poemas como “10 de abril de 1970” indica, nesse sentido, um caminho possível: deles parece vir o interesse pela babelização da música (da poesia) muito visível no livro, que se faz aqui menos pela multiplicação das línguas do que pela incorporação de ritmos, vozes e sons de fontes diversas, quase sempre contrastantes, que vão se acumulando na massa sonora dos poemas-canções de modo a formar, sempre imprevisível, uma melodia estilhaçada, partida mil vezes e ainda assim orgânica e reconhecível, tecida com fragmentos de outras peças (outros poemas), conversas colhidas ao acaso, longas frases ritmadas e verborrágicas, alguma repetição.

O vínculo entre a estrutura formal de boa parte dos poemas e a sua natureza musical parece significativo: a escolha da prosa (com suas frases virtualmente infinitas) em detrimento da cesura do verso revela a preferência por uma sonoridade mais próxima à do improvisado (do *jazz*, do rap, da embolada), que se faz, claro está, no abandono relativo da linearidade e da cadência pausada, cheia de ênfases e explicações, das estrofes e dos refrões. O acúmulo e a justaposição de sons e imagens são os procedimentos técnicos preferenciais, que às vezes (especialmente em poemas como o primeiro “Autobiografia” e “Verde azul amarelo rosa e branco”) estendem-se consideravelmente, trazendo no seu bojo o *non sense*, a ironia e o jogo, ora rebuscado, ora despojado, de palavras:

ária, vivo, volve: alvo em alta alvura: entra, penetra, espalha  
mil ilhas nas pupilas: orbita como quem espalha o olho pelo  
espelho: adentra: pés, mãos, unhas, articulações: caminha:  
olhos, lábios: presságio epifania: duplo *doublet*: medo à capela.  
Solta, desata, amarra e agarra. Terra nos olhos: planeta água –

dinâmica. A serpente que cria, a serpente que cala. Verde azul amarelo rosa e branco.  
(CALIXTO, 2014, p. 76)

Interessante notar também, e ainda nessa mesma direção, que o poeta dá ao livro uma designação antes de tudo gráfica (na página de rosto lemos, logo depois do título, a expressão “livro de gravuras”), destacando o elemento visual que, de fato, participa decisivamente de diversos poemas – de modo particular em “Herança (presto)” e “Horror”, dois textos nos quais a desapareição e a impotência da poesia frente à violência do mundo se expressam, literalmente, pelo apequenamento e pela invisibilidade. No primeiro poema lê-se, com a breve exceção das palavras iniciais, um único verso, duro, terrível, repetido até a náusea e a vertigem: “Nonilhões de toneladas de merda para as gerações futuras” (CALIXTO, 2014, p. 115), em caracteres que vão diminuindo, silenciando, cada vez menores, até desaparecer por completo. No segundo, por outro lado, nada se lê, fora o título, é uma página quase em branco (talvez por sabermos demais, lermos demais, sobre o horror que atravessa e constitui o nosso mundo – mas que já não parece chocar ninguém). Ao contrário, porém, do convite ao olhar, o poeta oferece também, clandestinamente quem sabe, a senha sonora de seu livro ao tomar versos de George Harrison (como epígrafe geral) e dos Racionais Mc’s como mote e referência de leitura.

## **2. *Nominata Morfina*, metáforas e fragores**

Vida e escrita não se separam em *Nominata Morfina*. A sujeira, as contradições e as pequenas alegrias que caracterizam a existência cotidiana, anônima, dos habitantes de uma metrópole como São Paulo atravessam e constituem o livro, fornecendo a ele sua cadeia imagética fundamental. É do estar-no-mundo, suas fricções, que nasce a irrupção característica dessa poesia. Seu *ethos* fundamental é o estranhamento, a não-pertença que, ora mais ora menos, permite ver as coisas sob um ângulo outro, menos automático e mais político, menos ordenado e mais ingovernável. A contemplação da beleza esquivada, a revolta, a intensidade do desejo –

elementos tantas vezes mencionados nos poemas – serão aqui as experiências que deflagram a escrita porque forçam (ou revelam) as fissuras na vida de todos os dias, expondo o que há nela de êxtase, mal-estar ou promessa de felicidade momentânea. Essas três formas da experiência, entre tantas outras, vão colocar o poeta em atitude de recusa, de costas para o mundo (e essa posição, curiosamente, faz com que ele o veja melhor, mais intensamente), possibilitando o ato paradoxal que é a escrita do poema, ao mesmo tempo distanciamento e entrega, negação e mergulho na matéria bruta da realidade. Textos como “Instruções para compor um *folk*”, “Sulfúria” e “O coma de Cronos”, por exemplo, expõem, cada a sua maneira e a partir de ângulos específicos, essa dimensão ambígua da poesia e do lugar ocupado pelo poeta.

O momento decisivo, o instante consagrado (para dizer com Octavio Paz, que lê atenta e criativamente a Martin Heidegger) no qual o poeta se retira do, e se funde ao mundo exterior é aquele em que surge, em plena via paulistana, aquela “garota com olhos cheios d’água carregando um pequeno vaso com flores da Nicarágua” (CALIXTO, 2014, p. 18), pequena epifania que vai determinar, dali em diante, o andamento e o sentido do *folk*/poema que se irá compor. Algo semelhante poderia ser dito sobre o sujeito poético de “Sulfúria”, que escreve a partir do desejo de transformar “a vida escrava em vida ávida” (CALIXTO, 2014, p. 44) – sua ira desmistificadora, o ódio que dirige aos poderosos e aos torturadores de ontem e de hoje é o elemento que lança luz, como num *flash*, à realidade inapreensível, tornando-a permeável ao olhar do poeta, que dela passa a se alimentar, como se pode ler, em chave paródica, no poema “C<sub>17</sub> H<sub>19</sub> NO<sub>3</sub>”:

Senhoras e senhores, por favor, ao adentrarem o inferno,  
guardeis vossas lágrimas no cabide à esquerda, vossos risos  
amarelos no armário ao lado da banheira da Condessa Bathory.  
Vossos relógios de meio milhão, vossas pontes de safena,  
vossos dentes de ouro, vossos olhos de vidro, vossos anéis de  
brilhantes, vossos consolos de diamante, vossos paus moles,  
vossas bucetas secas: os demônios do riso se encarregarão de  
dar jeito.  
(CALIXTO, 2014, p. 27)

E também em registro mais imediato, colado à crueza dos eventos e das circunstâncias que os rodeiam em “Sulfúria”:

Todos sabemos que o monopólio leva o trabalhador à merda e que, nesta vida abstrata, nesta cidade seca, fétida, sem poemas escondidos, sem parques, sem ar, é rigorosamente verdadeiro afirmar que o primeiro vive dos despojos do segundo.  
(CALIXTO, 2014, p. 21)

A suspensão do tempo e da razão motivadas pela “sintaxe silenciosa” (CALIXTO, 2014, p. 16) do corpo feminino vai figurar em *Nominata Morfina* como contraponto e complemento à violência disruptiva da fulguração e revolta, móveis da escrita e do pensamento poético elaborados pelo poeta. Se a representação tensa, agressiva do real – marca distintiva do livro – guarda semelhança com a própria matéria representada; se a mesma epifania, procedimento recorrente, conserva em si algo de drástico e intempestivo, é possível dizer que os poemas nos quais a perspectiva amorosa se coloca são aqueles em que é perceptível certa mudança de registro, um tanto descolada da voz que anuncia haver, como um nosso espólio, “toneladas de merda diária para as gerações futuras” (CALIXTO, 2014, p. 115).

Distante do ímpeto viril e impositivo de certa tradição da poesia amorosa do Ocidente, o erotismo, em Calixto, é despossessão, é renúncia, é experiência extática que despoja o sujeito de si e o conduz, momentaneamente, à imobilidade e à harmonização possível com o mundo (mas nunca à inconsciência). O que surpreendemos em “O coma de Cronos” e “Modigliana”, nesse sentido, é a enunciação de uma experiência religiosa (no sentido em que se processa, inegável, uma comunhão e uma re-ligação do indivíduo com aquilo que o ultrapassa) que se concretiza em meio a circunstâncias profanas, celebrada por uma linguagem dessacralizada que pertence, ao fim e ao cabo, ao reino das coisas humanas degradadas e degradáveis. É algo como uma “iluminação profana”, se quisermos dizer com Benjamin, que toma o amor e o sexo como propedêutica particular para outros universos possíveis (Cf. BENJAMIN, 2004, p. 21). A força desses poemas amorosos

está, desse modo, na aparente contradição que desenham: enquanto que em outros momentos do livro encontramos, tendencialmente, homologia e continuidade entre forma e fundo, nesses poemas há um desarranjo que os diferencia e singulariza, pois que persiste neles, como aspecto dominante, uma doçura selvagem (se vale oxímoro) nem sempre encontrável em *Nominata Morfina*:

(...) E que, mesmo no simples ato de olhar para os lados ao atravessar a rua, você parecia interromper a movimentação de um oceano, a escritura de um verso, a queda da Bastilha. Que caminhando você germina todos os meses de abril. Que de sua respiração tudo nasce. Você não era apenas mais uma moça da cidade cujos olhos sumiram. Eu sabia de cor a sua alma. Por isso seus olhos sempre se fizeram tão fascinantes. Com eles eu aprendi a mais perfeita definição da palavra *mágica* – que você, por acaso, havia colocado (na noite anterior) entre a minha e a sua mão.  
(CALIXTO, 2014, p. 25-26)

### **3. *Nominata Morfina*, um poema sobre o mundo**

A poesia, em *Nominata Morfina*, é a experiência-limite de um sujeito, o transtorno da lógica e da razão, o desgaste máximo da linguagem, o fim indesejado e inevitável de uma vida (célebre ou anônima). Assim a define o escritor, neste livro que, entre tantas outras coisas, pensa criticamente a si mesmo a todo instante; em associações múltiplas e convergentes, brevíssimas lições de poética se colocam, e todas elas parecem responder à pergunta que ressoa desde o início do livro, desde o centro das ‘Instruções para compor um *folk*’: “E, nesta praia de ossos, onde a inspiração?” (CALIXTO, 2014, p. 19).

Multitudinária, uma estrela de muitas pontas, a poesia, para Fabiano Calixto, assume sempre a sua impossibilidade: ela é o desespero de Walter Benjamin, que tentava atravessar, a pé, a fronteira espanhola, a última da sua vida, talvez a única que não pôde cruzar; são os 109 dias (impossíveis, inacreditáveis) de tortura de Eduardo Collen Leite, o Bacuri, guerrilheiro urbano seviciado pela polícia política brasileira; é

ainda a miséria de Orides Fontela, a autoimolação de Torquato Neto e o hospício de Lima Barreto, todos eles personagens, no texto e fora dele, de um mesmo drama trágico (Cf. CALIXTO, 2014, p. 58-59) dentro do qual o poeta – “pianista arrombador de cofres” – (CALIXTO, 2014, p. 55) localiza o seu ofício e celebra, cantando, o seu objeto explosivo.

A bala no cérebro de Maiakóvski. A tuberculose de Álvares de Azevedo. O *seppuku* de Yukio Mishima. A miséria de Orides Fontela. A orelha de Van Gogh. A roupa puída e suja de Edgar Allan Poe. O tráfico de fogo de Arthur Rimbaud. A pindaíba de James Joyce. Os processos de Allen Ginsberg. O gás de cozinha de Torquato Neto. A cirrose hepática de Paulo Leminski. (...) (CALIXTO, 2014, p. 58)

Se a poesia, segundo *Nominata Morfina*, é o “sangue do planeta” (CALIXTO, 2014, p. 33), secreto e necessário, espécie de lava incandescente que se agita no interior de todas as coisas, o poeta, por sua vez, e apesar de ser figurado de muitos e contraditórios modos, o poeta será aquele que suporta todo o sofrimento, todo o desamparo que se espalha e o abriga em si, transformando-o em palavras de revolta ou de lamento; será também aquele que “persegue a liberdade dentre os escombros” (CALIXTO, 2014, p. 55), cultivando algo como uma responsabilidade, um dever de resposta aos acontecimentos (cf. DERRIDA, 1994) que o coloca como um crítico permanente, um leitor contínuo do real e de suas fantasmagorias. Assim como Hamlet, que sentiu o peso – como uma maldição – de ter nascido para repor o mundo em seu eixo, o poeta se vê acochado pelo dever ambíguo de “chamar todos à função” (CALIXTO, 2014, p. 55), numa época em quase todos preferem desviar o olhar, ouvir outros sons que não os gritos de horror que se repetem, cada vez mais altos.

Mesmo escrevendo num tempo em que, distintamente de Rimbaud, “não havia mais como sentar a Beleza nos joelhos” (CALIXTO, 2014, p. 23), o poeta-personagem de *Nominata Morfina* quer fazer do seu coração (conforme o verso de Augusto dos Anjos, aqui devidamente reivindicado) um hospital, e de sua obra, entre outras tantas possibilidades, uma máquina de guerra iconoclasta e desestabilizadora, uma vez que Fabiano Calixto parece saber, como Agamben, que uma das tarefas mais importantes da política e do pensamento no presente é justamente a profanação, a

restituição “ao uso comum dos homens” (AGAMBEN, 2007, p. 65-66) daquilo que, por sagrado, era proibido, puro, intocado: a linguagem, o desejo, o poema, o corpo e sua nudez, enfim:

Enquanto as rosas menstruam em jardins monstruosos, o poeta persegue a liberdade dentre os escombros, põe a mão sobre a arca santa e solta os demônios famintos do desejo. Quebra as tábuas da velha aliança, jogando aos porcos todas as pérolas podres dos antigos e dos torpes. Enquanto uma multidão de párias se alimenta de tecnofilia, o poeta (pianista arrombador de cofres), tomando cerveja e jogando fubeca, sente o hálito da bomba crestar sua camisa de flanela e, coração em frangalhos, corre para testar sua alma no deserto. Nenhuma nênia em seu coquetel *molotov*. (CALIXTO, 2014, p. 55)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. O elogio da profanação. In: *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BENJAMIN, Walter. O surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia. In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CALIXTO, Fabiano. *Nominata Morfina*. São Paulo: Corsário-Satã, 2014.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

PAZ, Octavio. A consagração do instante. In: *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman & Paulina Wacht. São Paulo: CosacNaify, 2013.